

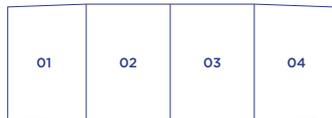
FORMAÇÃO E DEFORMAÇÃO - FORMAÇÃO E DEFORMAÇÃO - FORMAÇÃO E DEFORMAÇÃO

IMAGEM DA CAPA E CONTRACAPA,
TÍTULO DA EXPOSIÇÃO APLICADO
SOBRE O TRABALHO

RAFAEL F. PRINCE

Papel de bolso, 2014

Experimentações gráficas a partir
de um pedaço de papel dobrado
e carregado no bolso



IMAGENS EXTERNAS DA LUVA

01

LAIS AMARAL

Retalho é o mundo, 2018

Acrílico sobre tela, 390 x 290cm

02

ELILSON

Chuva de Direitos, 2018

Fotografias, papel, serigrafia

foto: Carolina Calcavecchia

03

DARKS MIRANDA

Equilíbrio de mamão sobre a cabeça, 2018

Vídeo, 34 min.

04

RAFAEL BQUEER

Lenoir, 2017

Vídeo performance

IMAGENS INTERNAS DA LUVA

ANNA BELLA GEIGER

Centerminal, 1974

Vídeo, 1min. 45seg.

Câmera Tom Job Azulay

É com imensa felicidade e orgulho que a Escola de Artes Visuais do Parque Lage, com este catálogo, registra a volta do seu Programa de Formação Gratuito, provocadoramente chamado Programa de Formação e Deformação. Nos mais de quarenta anos de existência desta escola livre, fundada por Rubens Gerchman durante os anos da Ditadura Militar, foram muitas as mostras em que pudemos conhecer o trabalho e a experimentações dos alunos da EAV Parque Lage. Com nossos alunos, aprendemos que a palavra deformação deve ser compreendida não como uma negação deste processo de aprendizagem, senão como a abertura de novas possibilidades. Aquelas que ainda não foram pensadas, imaginadas ou realizadas.

Como escola de vanguarda, não é exagero afirmar que alguns dos nomes mais importantes da arte brasileira expuseram aqui enquanto alunos. Não satisfeitos em apenas aprender os códigos do complexo sistema das artes, as invenções e provocações dos alunos desta escola modelaram os contornos da arte contemporânea brasileira. Uma escola, como qualquer outra instituição cultural, é feita de pessoas. Parabenizo à equipe desta escola - da secretaria à limpeza, da comunicação à

produção, somos todos escola. Aos organizadores do programa, o curador Ulisses Carrilho e a supervisora de Ensino Keyna Eleison. Aos vários artistas que atuaram como professores e, finalmente, aos artistas que foram nossos alunos em 2018.

Suas imagens, poéticas, símbolos, signos, ações, investigações, gestos, projetos, narrativas, críticas e discursos compõem de maneira mais complexa esta escola hoje, que integra a Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro. É meu papel também agradecer aos membro do programa Amigo EAV e à AMEAV - Associação dos Amigos da Escola de Artes Visuais por sua generosidade, pois foi por meio da venda de obras nas feiras ArtRio e SPArte, patrocínios da iniciativa privada e da realização de nosso Jantar Beneficente que este programa foi realizado. No próximo ano, dobraremos o número de bolsas e promoveremos um segundo programa: concomitante a este, de caráter introdutório, voltado àqueles que serão apresentados à teoria, à história e à prática das artes. Em uma sociedade tão desigual, a preocupação com a formação - e deformação - de público é fundamental para que alcancemos uma justiça social em que todos tenhamos liberdade de expressão e acesso às diversas manifestações culturais.

Fabio Szwarcwald

DIRETOR PRESIDENTE

Escola de Artes Visuais do Parque Lage

ESPAÇO IMANTADO

*Aos meus ex-colegas e futuras professoras;
aos amores antigos, às mestras de sempre,
corpos que me ensinaram tanto*

Nas páginas introdutórias de “O Uso dos Prazeres”, Michel Foucault¹, no segundo volume de sua História da Sexualidade, desponta linhas que dão pistas de qual seria a função do pensamento filosófico. Foucault defende que em vez de legitimar aquilo que sabemos, o conhecimento filosófico carregaria a possibilidade de aventarmos de que maneira e até onde seria possível **pensar diferentemente do que se pensa**. O conhecimento emanciparia o sujeito de si, permitiria que um autor pudesse separar-se de si mesmo. Para o filósofo, vale menos a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos. Defende que, o tanto quanto fosse possível, deveríamos **valorizar os descaminhos daquele que conhece**.

Como partido curatorial para a organização pedagógica da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, elegi a Ttéia Parque Lage, trabalho realizado em 1978-79 pela artista Lygia Pape. Livremente usada como possibilidade de imaginar um programa educacional que tivesse como dispositivo primeiro um projeto de arte em si, além de uma experiência intimamente conectada com o histórico e a singularidade da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, em vez de um viés teórico. Trata-se de um trabalho imaginado coletivamente, de maneira colaborativa, borrando as fronteiras que separam hierarquicamente professores e alunos. A partir da observação da formação de uma teia de aranha entre as árvores, na porção da Floresta Nacional da Tijuca, a estrutura de uma teia surge como alternativa à ideia de uma grade escolar, de um grid, que carregam consigo a ideia de uma organização moderna, que separa a natureza da cultura. O emaranhado da teia é antes de tudo um agenciamento entre as partes, uma estratégia que objetiva o movimento, a presença e a permanência. A rede inscreve um campo de ação, contribui para as saídas diversas e múltiplas, para a efervescência da dúvida e para a provocadora incerteza das indagações. O campo de conhecimento compreendido enquanto matéria molda o corpo que lida com ele e é moldado por esta subjetividade.

¹ Michel Foucault.
*Histoire de la sexualité,
tome 2 : L'usage
des plaisirs*. Éditions
Gallimard, 1984

“A ideia fundamental é dessacralizar o objeto-de-arte, ou eliminar de início a autoria. Apesar de haver um autor, a instalação pode ser realizada por qualquer pessoa desde que haja VONTADE, pois não se pretende o “toque-especial”, mas sim um nível de ampliação de novas percepções, de novas linhas de horizonte que surgirão geradas pela estrutura-TEIA. Também pretendo iniciar somente com um fio e mais nada e a instalação vai surgindo, crescendo no seu próprio local de uso. Antes não havia nada e após também fica somente a ideia e as percepções geradas pela ARANHADA.”²

Tal projeto ilumina de maneira ímpar a necessidade de encarmos de frente algumas questões que nossos alunos não nos deixaram esquecer: **O que é a arte e quais são os seus compromissos? Como funciona este sistema e com quais códigos ele opera? Quais os mecanismos de poder e controle que o regem? Para quais sujeitos este sistema é imaginado?** E por último, e não menos importante, especialmente para uma escola livre criada por artistas e destinada a eles: **Pode a arte ser ensinada?** As relações múltiplas, as estratégias abertas e as técnicas racionais que articulam o exercício dos poderes nos orientam para uma fricção crítica, sem fins precisos ou contornos estanques. Para Foucault, é preciso antes de tudo analisar quem é designado como sujeito, repensar quais são as modalidades por meio das quais o indivíduo se constitui e como este se reconhece como sujeito. É preciso esforçar-se, começar e recomeçar, experimentar, enganar-se, retomar tudo de cima a baixo e ainda **encontrar meios de hesitar a cada passo.**

“O primeiro estágio já foi concluído: através de percepções e sensações surgidas ao caminhar por entre troncos, plantas, veredas, sentindo o perfume, ruídos, os sussurros, convertendo acidentes naturais em um reconhecimento de um meio natural realizamos e passagens dessas percepções para o nível da cultura. Essa primeira parte referia-se principalmente à apreensão do elemento natural como: água, ar, fogo e terra, e seus envolvimentos e transformações dessas sensações em propostas estruturais visando “tecer” o espaço ambiental. Esse “tecer” deflagra o que eu chamo

“ESPAÇOS IMANTADOS” – situações-limite e bem definidas até geograficamente e onde estão acontecendo coisas especiais de nível poético.”³

Orientamos este programa em torno de uma frase presente numa das primeiras experimentações da videoarte brasileira. O Programa de Formação e Deformação tomou como rota a frase e a insígnia desenhadas por Anna Bella Geiger no vídeo Centerterminal (1974), um ano antes da fundação da Escola de Artes Visuais do Parque Lage gravado na porção da Floresta Nacional da Tijuca que integra o Parque Lage. *Qualquer direção fora do centro (any direction out of the center)* marca a volta de um programa de acompanhamento de artistas gratuito, voltado para o desenvolvimento de investigações poéticas por meio de seminários teórico-práticos.

“A “TEIA” permitirá alterar a relação do espectador com seu estar no mundo, [não] desde um só ponto de vista, mas sim de vários e de alturas distintas. (...) “TEIAR” – e o novo princípio do deslocar-se para cima, para baixo, para um lado, para o outro: sem prejuízo de um só ponto de vista. Essa nova apreensão do espaço e das coisas leva a aumentar a percepção do olho e também do corpo todo: subir e descer pairando era até agora privilégio somente dos pássaros”.⁴

É preciso rearticular escolas – escolas de arte ou escolas para artistas – como espaços que se configuram por meio da normatização dos corpos e das subjetividades, onde se inventam e se reproduzem noções de gênero, de sexo e de raça. Qualquer direção fora do centro é um convite para a imaginação coletiva de um projeto que surge livremente inspirado em modelos radicais e questionadores, pensados com e para artistas, que coloca em xeque conceitos absolutos e verdades incontestáveis, afirmando o papel singular que o pensamento artístico assume na sociedade. Importa criar novos fluxos e dinâmicas de ensino e aprendizagem, por meio de hierarquias flutuantes e permeáveis, em torno de um projeto compartilhado. Junto aos artistas, buscamos espaços de tensão e contradição onde cabem metodologias múltiplas e saberes subalternos.

Ulisses Carrilho
CURADOR
EAV Parque Lage

^{2,3 e 4} Trechos da transcrição do projeto “Ttéia. Área aberta”, 1979. in Lygia Pape. *Espaço Imantado*, Museu Nacional de Arte Reina Sofia, Serpentine Gallery e Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2011-12. A publicação conta ainda com as fotografias de registro da ação da professora com seus alunos na floresta do Parque Lage, além das ações da artista no Complexo da Maré, 1974-76; Casa Sapê, 1979; e a experiência Aula sedução, 1977

**SOBRE UMA
ESCRITA LIVRE
PRESA NO PAPEL**

Sim
Ono, Yoko

Grande muro baixo, portões de ferro na entrada, abertos. Chão de paralelepípedos que nos convida a caminhar mais lentamente. Entrada de floresta/parque/jardim ... definitivamente verde.

Seguir caminhando, bem à frente uma construção rosada de grandes portas verdes. E a vontade é de ver mais e de estar mais tempo ali. Mais adiante, pórtico imponente, colunas para além da escala humana. E agora? Subir as escadas, cada um dos degraus, um átrio, uma piscina, e andar mais, observar mais. Ver de dentro. E dentro: uma escola.

E fora: uma escola. Um lugar de conhecimento.

Conhecimento como lugar, lugar de encontro. Uma escola como lugar de encontro. O nome: Escola de Artes Visuais do Parque Lage. A existência da Escola remete ao fazer na arte. A tendência é pensar este espaço e pensar neste espaço. Ela é uma ideia, ideia que seguiu e foi livro, foi fotografia, foi voz, foi filme, foi mais gente em volta, foi mais gente dentro, foi esvaziando, e foi se enchendo de novo, e foi, e é. E ainda é este lugar.

Assim, prefiro ver a Escola como zona. Nas possibilidades que esta língua e este tempo pode nos dar com esta palavra e este termo. Relação de espaço-tempo, construção, vivência e fruição. Zona é um local de troca, e para que ela aconteça temos que nos mostrar diversos. Prima pelo diferente sem que necessariamente a diferença se estabeleça e sim a fome, a fome de assimilar mais e estar mais em contato com a outra e ser mais si mesma. Encontro como zona de conhecimento. Implementação de conhecimento? A questão, as questões seguem, a partir da presença, do que fica e do que passa de corpo a corpo.

A presença é conhecimento. Entrei, entraram alguns e não estava só. Como a presença, posso ser fonte de conhecimento.

Agora, a passagem do conhecimento. Não basta apenas ter passado ou estar de passagem, interessa mesmo é estar lá e mudar os cheiros e sons do espaço, ensinar pontos matemáticos a partir de contagem de cantos, passar linguagens como verdades pos-

síveis e a morte, ela também como matéria de conhecimento, pertencimento e arte.

A linguagem é mais atual que a língua quando sai do rebaixamento da palavra. A linguagem é mais atual que as teses que a descreve. Ela se basta indiferente à palavra, principalmente escrita. Independe deste rebaixamento que é a palavra escrita. Do enquadramento necessário para que se “entenda”.

Mas estamos no campo da escrita, acreditamos na incoerência de perpetuar as existências com as palavras e minhas mãos se convencem a um movimento violento que chamamos escrever. Passar para cifras não é o melhor recurso para passagem de conhecimento da música. Cantar sim, tocar sim. As coisas são razão a partir de como são vividas. Como se vive que está sendo colocada em prova. É violento o movimento de descrição de um silêncio, mas nunca inútil e muito menos desnecessário.

Agora sim viemos. E lemos, cantamos, comemos, ficamos em silêncio, saímos, bebemos, abrimos, sentimos fome, fechamos, excretamos, fizemos, escrevemos, traduzimos, escutamos, falamos, choramos, brigamos, voltamos, gritamos, ocupamos, faltamos, homenageamos, fomos, voltamos, erramos, e erramos e morremos, e mais e menos também porque assim que foi e que é. E assim, estudantes, professoras, aprendendo, criando e fazendo e não fazendo, trocando, esquecendo.

E agora: Estamos.

E este muro, agora meu muro, agora eu muro.

Agora moro e me mora, com cada troca. E muita arte.

Reconhecimento.

Bastou você dizer, agora existe.

Mendonça, Kalu

Keyna Eleison

SUPERVISORA DE ENSINO
EAV Parque Lage

**ANA KIFFER
(NITERÓI, RJ)**

Vive e trabalha em Paris.

É doutora em Letras / Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2002) com estágio doutoral na Université de Paris 7 (1998/1999). Diretora de Programa no Collège International de Philosophie - Paris (2007-2013), Coordenadora do Convênio Internacional CAPES-COFECUB entre PUC-Rio e Université de Paris 7 (2009-2012). Atua na área de Letras, principalmente na de literatura comparada (com ênfase nas relações entre literatura, arte e filosofia) e na teoria da literatura tendo como questão primordial a análise das relações entre o corpo e a escrita.

**ANA EMERICH
(RIO DE JANEIRO, RJ)**

Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Artista e pesquisadora. Bacharel em Música/Regência (UNICAMP, 2002), Mestre em Artes Visuais (UERJ, 2015), frequentou cursos livres na EAV Parque Lage e na Escola de Dança Angel Vianna. Atuou como regente à frente de orquestras e coros e na coordenação de projetos musicais na Fundação OSESP e Orquestra Petrobras Sinfônica. Investiga relações entre lugar, materialidades e dinâmicas sonoro-visuais. Tem interesse por processos de criação em imersão temporal e por poéticas de deslocamento: nos pequenos ritmos e desvios entre o visível e o não evidente, nas composições entre espaço, corpo, singularidade e multidão. Modula seus trabalhos em ações, imagens, sons e escrita.

**ANNA BELLA GEIGER
(RIO DE JANEIRO, RJ, 1933)**

Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Artista. Graduada em Letras Anglo-Germânicas pela UFRJ e em Sociologia da Arte pela New York University.

Realizou exposições, recebeu prêmios e bolsas no Brasil e no exterior. Seus trabalhos integram coleções como a do MoMA (Nova York) e a do Centre Georges Pompidou (Paris). Publicou, com Fernando Cocchiarale, o livro *Abstracionismo geométrico e informal* (Funarte, 1987).

**ELAINE DUAL
(RIO DE JANEIRO, RJ)**

Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Artística performática, alquimista, educadora e terapeuta corporal. Formada em Licenciatura em Dança na Faculdade Angel Vianna do Rio de Janeiro, no Curso Técnico de formação para bailarinos e pós-graduada em Terapia Através do movimento na mesma.

Por meio do olfato, provoca alterações no ambiente que estimulam estados alterados de consciência. Atua dando aulas de consciência corporal e processo de criação para jovens em escolas públicas, facilita vivências para artistas com a intensão de abrir o corpo e promover uma escuta interna.

**FRED COELHO
(RIO DE JANEIRO, RJ, 1974)**

Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Pesquisador e professor de Literatura Brasileira e Artes Cênicas da PUC-Rio. Se formou e fez Mestrado em História no IFCS-UFRJ e Doutorado em Literatura pela PUC-Rio. Entre 2009 e 2011 foi assistente de curadoria do MAM-RJ. Lançou, entre outros, os livros *Eu, brasileiro, confesso minha culpa e meu pecado - cultura marginal no Brasil 1960 e 1970* (2010), *Livro ou livro-me - os escritos babilônicos de Hélio Oiticica* (2010) e, com César Oiticica Filho, *Hélio Oiticica - Newyorkaises/Conglomerado* (2013). Fez curadorias e textos para o projeto *Travessias* (com Daniela Labra e Luisa Duarte), realizado no Galpão Bela-Maré em novembro de 2011 e para exposições de Maria Laet, Laercio Redondo e Gisele Camargo.

JORGE MENNA BARRETO
(ARAÇATUBA, SP, 1970)

Vive em Petrópolis e trabalha no Rio de Janeiro.

Freqüenta cursos de escultura e pintura com Jailton Moreira, em Porto Alegre, em 1990. Bacharel em artes plásticas com especialização em desenho na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, em 1997. A trama do desejo e da amizade é tecida em alguns de seus trabalhos, ao trazer o espectador para muito perto e torná-lo o motor da obra. Realiza o trabalho Restauro, para a 32ª Bienal de São Paulo, por meio dos alimentos, o artista traz a floresta para a exposição e convoca o comensal a se tornar um participante do sistema agroflorestal.

MAX JORGE HINDERER CRUZ
(HEIDELBERG, ALEMANHA, 1980)

Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Escritor e filósofo boliviano-alemão, mora no Rio de Janeiro e trabalha como crítico da cultura, curador e editor. Seu trabalho foca na história global da sensibilidade, história da economia colonial, filosofia estética materialista, tecnologias de governo e a produção de subjetividade. É autor do livro “Hélio Oiticica e Neville D’Almeida: Cosmococa” (Afterall Books/MIT Press, 2013; e Azougue/Capacete, 2014 – junto com Sabeth Buchmann). De 2014-16 foi co-coordenador do Programa de Ações Culturais Autônomas (P.A.C.A.) e do Seminário Público Micropolíticas de São Paulo. Foi curador das mostras “Principio Potosí” (Museu Reina Sofia Madrid/HKW Berlim/Museu Nacional de Arte La Paz, 2010-11 – em parceria com Alice Creischer e Andreas Siekmann) e “Implosão: Trans(re)lando Hubert Fichte” (MAM Salvador / Centro Hélio Oiticica RJ, 2017-18 – em parceria com Amilcar Packer).

RICARDO BASBAUM
(SÃO PAULO, SP, 1961)

Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Artista, atua também como professor, pesquisador e crítico. Participou da formação de vários grupos (Dupla Especializada, Seis Mãos e Visorama, entre outros). Desde 1989, desenvolve o projeto Novas Bases para a Personalidade (NBP). Expôs na 25ª e 30ª Bienal de São Paulo (2002, 2012) e 20ª Bienal de Sydney (2016), entre outras. Participou da documenta 12 (2007), com curadoria de Roger Buergel. Professor Visitante da UChicago em 2013. Desde 2017, é professor da Universidade Federal Fluminense (UFF).

RAPHAEL FONSECA
(NITERÓI, RJ, 1988)

Vive no Rio de Janeiro e trabalha em Niterói e Rio de Janeiro.

Curador do MAC-Niterói e professor do Colégio Pedro II. Doutor em Crítica e História da Arte pela UERJ. Recebeu o Prêmio Marcantonio Vilaça de curadoria (2015) e o prêmio de curadoria do Centro Cultural São Paulo (2017). Entre suas exposições recentes, destaque para “Mais do que araras” (SESC Palladium, Belo Horizonte, 2017), “Quando o tempo aperta” (Palácio das Artes – Belo Horizonte e “Deslize” (Museu de Arte do Rio, 2014).

RODRIGO NUNES
(RIO DE JANEIRO, RJ)

Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

PhD em Filosofia pela Universidade de Londres. Professor do Departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) desde 2013 e autor do livro Organisation of the Organisationless: Collective Action After Networks (2014). É coordenador do GT Ontologias Contemporâneas (ANPOF), líder do grupo de pesquisa Materialismos – Ontologia Ciência e Política na Filosofia Contemporânea (CNPq), do Centro Brasileiro de Pesquisas em Democracia, do Núcleo de Pesquisas em Filosofia Francesa Contemporânea e do grupo de pesquisa Movimentos 2.0 (Cnpq). Bacharel em

Ciências Jurídicas e Sociais pela UFPEL e mestre em Filosofia pela PUCRS (2003) e pós-doutorando PNPd/CA-PES na PUCRS (2010-2013).

RODRIGO DOS SANTOS

(RIO DE JANEIRO, RJ, 1977)

Vive em São Paulo e trabalha entre Rio de Janeiro e São Paulo.

Bacharel e mestre em filosofia pela UFRJ, ator e pesquisador, ogan e contramestre da capoeira angola. Nascido no ano de 1977, no Rio de Janeiro, começou no teatro em 1985. Foi integrante da Cia dos Comuns (2001 - 2010) onde atuou e produziu espetáculos, oficinas e seminários voltados à pesquisa sobre o teatro negro. Já participou de mais de 40 montagens teatrais, com destaque para os trabalhos com a Comuns, “Roda do Mundo”, “Candaces”, “Bakulo” e “Silêncio”; mais “O subterrâneo jogo do espírito”, de sua autoria; “Julia”, de Christiane Jatahy; e “Navalha na carne negra”, texto de Plínio Marcos. No cinema, destacam-se “Cidade dos homens”, de Paulo Morelli, e “Aos teus olhos”, de Carolina Jabor. Na TV, “Filhos do carnaval”, de Cao Hamburger e Elena Soares; e “Rarefeito”, de André Fernando Sturmer e Marçal do Carmo.

TATIANA HENRIQUE

(RIO DE JANEIRO, RJ)

Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Atriz pela ETET Martins Penna. Pesquisa teatro performance ritual e seus princípios nas tradições orais. Participou de eventos sobre teatro e cultura negra nas instituições: National School of Drama (New Delhi/Índia), Casa de la Literatura Peruana (Lima/Peru), UNESP, IFB, FIOCRUZ, UFBA, UFRJ, UFF, UFRRJ, CCB (RJ e SP), FAV (Faculdade Angel Vianna), Bienal do MERCOSUL, Festival Nacional de Teatro de Juiz de Fora/MG e Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica.

Também atua com contação de histórias tradicionais e povos africanos, afro-brasileiros, indígenas e indianos.

ANA EMERICH
Ópera Discreta, 2018

voz, porção intangível e ela mesma, corpo
qualquer direção fora do centro
só podemos atender ao mundo oreular
ter a escuta como sopro, o silêncio inexistente
intensidade, duração, timbre, frequência



todo contraponto a hegemonias parece opor-se a práticas de captura.

AGRIPPINA R. MANHATTAN

(NITERÓI, RJ, 1997)

Artista, pesquisadora e travesti.

Graduada em História da Arte pela Escola de Belas Artes da UFRJ. Vive e trabalha entre São Gonçalo, Niterói e Rio de Janeiro. Trabalhou como assistente de curadoria no Núcleo de Ação Educativa Queermuseu e como assistente de pesquisa no programa MAR aberto. Trabalha atualmente como arte educadora no Museu de Arte Contemporânea de Niterói e como professora de história da arte no Prepara Nem Niterói. Foi curadora de exposições como A retomada da imagem será a presença (RJ) e II Pega - Encontro de graduações em artes (RJ). Participou de exposições coletivas como a BA/Photo (Pavilhão expositivo de Buenos Aires), Novísimos 2018 (Galeria Ibeu), Carpintaria para todos (Carpintaria), Corpos In Transito (Galpão Bela Maré), Desvio (Caixa Preta).

TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

E-DU-CA-TI-VO, 2018

Série de encontros propositivos sobre a exposição e o processo do Programa de Formação e Deformação.

Linha e Agulha, 2018

Instalação, painel de Led e extensões, dimensões variáveis

TRANSFOBIA, 2018

Desenho, tinta sobre papel, 25 x 13cm

TRANSFOBIA, 2018

Desenho, tinta sobre papel, 25 x 13cm



ANDRÉ SCIENT

(JACAREÍ, SP, 1989)

Pintor, escritor e Filósofo.

Mestrando e Graduado em Filosofia pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Utiliza-se de personas artísticas que compõe diferentes apontamentos nas elaborações de seus trabalhos, sendo a principal delas SCIENT, uma entidade alienígena que assina mais de 50 telas do artista e mais de 1000 fotos e um livro manuscrito em que detalha quem é e qual o objetivo de Scient.

Fez cursos livres na EAV desde então até entrar no Programa de Formação e Deformação, em 2018.

Participou da Exposição individual em 2015, no evento de comemoração da EAV 40 anos e em 2016 participou da Coletiva A Cor do Brasil, MAR (Museu de Arte do Rio). Possui obras nos acervos do MAR (Coleção Geração Y) CCSP (Cento Cultural de São Paulo) .

TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

MEMÓRIA Scient, 2018

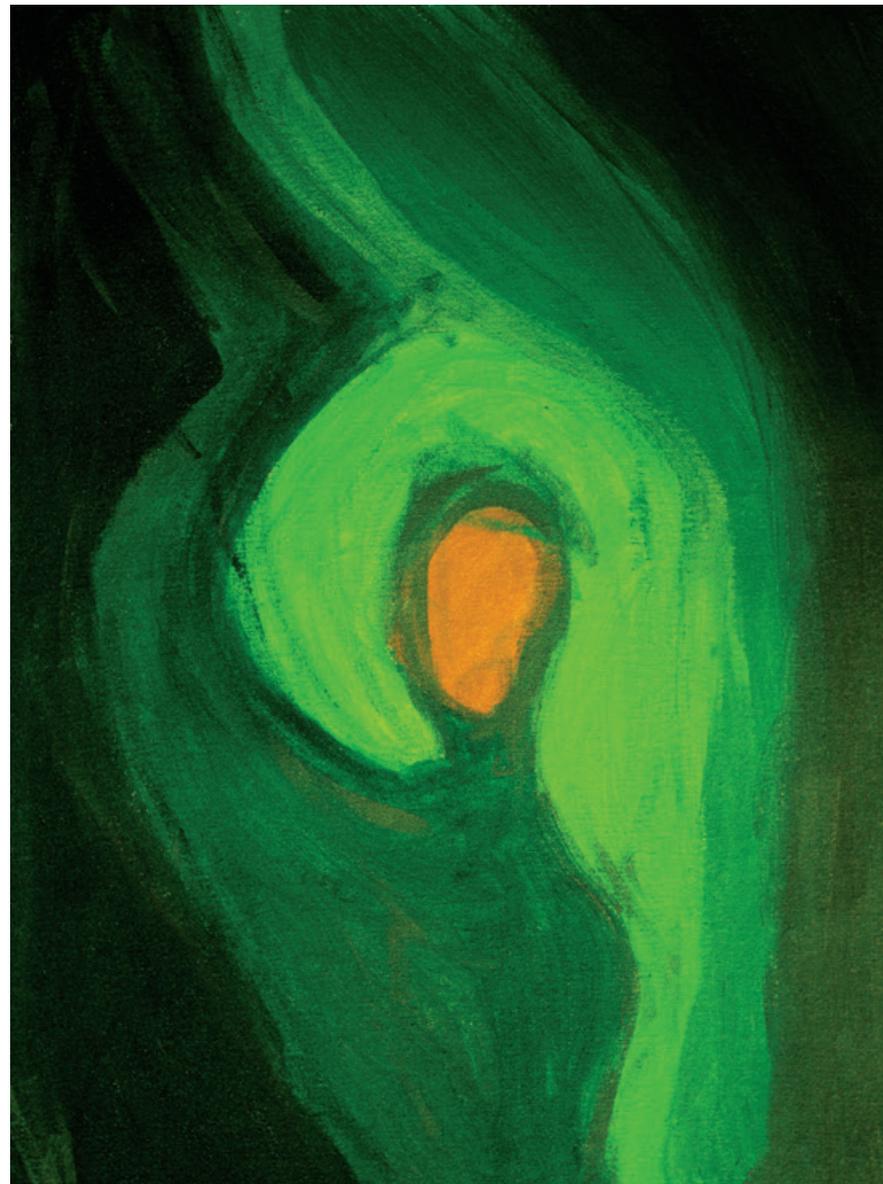
Acrílica sobre tela,
170 x 200cm

O Enternecedor, 2012

Acrílica sobre tela,
30 x 40cm

O Enternecedor, 2012

Acrílica sobre tela,
30 x 40cm



ANNA COSTA E SILVA

(RIO DE JANEIRO, RJ, 1988)

Artista. Mestre em Artes Visuais pela SVA, NY, recebeu os prêmios FOCO Bradesco ArtRio, Bolsa Funarte de Produção Artística e American Austrian Foundation Prize for Fine Arts. Entre 2014 e 2018, realizou 10 exposições/individuais, entre elas “Assíntotas”, na Caixa Cultural, “Púrpura”, uma experiência móvel pela cidade do Rio de Janeiro e “Éter” no Centro Cultural São Paulo, selecionado para a Mostra de Exposições. Expôs em coletivas em instituições como Oi Futuro, Casa Triângulo, A Gentil Carioca, Casa França Brasil, Art In Odd Places, NY, e Contemporary Art Center, Vilnius.

TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

Éter, 2015/2017

Experiência / instalação sonora
1h05

Púrpura, 2018

Experiência de encontro 1 a 1, 1h30
Com Ana Abbott, Maria Clara Contrucci, Luciana Novak, Nanda Félix e Nina Barros

Respiração ou fogo sobre lago, 2018

Projeção de vídeo sobre aquário de vidro, dimensões variáveis
2min.

Púrpura, 2018

Experiência de encontro 1 a 1, 1h30

Com Ana Abbott, Maria Clara Contrucci, Luciana Novak, Nanda Félix e Nina Barros

Foto: Sasha Lazarev



ANTONIO TÁRSIS

(SALVADOR, BA, 1995)

Artista. Autodidata. Como parte de seus processos de criação e pesquisa, Antonio Tárzis caminha atento pela cidade. Resgatando das ruas materiais de toda sorte, que conjuga, reproduz e recontextualiza em composições como colagens, fotografias, objetos e instalações. Andar funciona como maneira de conhecer e reconhecer a cidade os seus territórios: em seus trajetos encontra elementos que dão subsídios para realizar pequenos registros de seu próprio tempo e local. Comumente, os materiais que recupera trazem em si algumas narrativas. Frascos de medicamento, balas de revólver, caixas de fósforo, são alguns desses elementos que sugerem determinados usos, contudo, o artista deseja subverter essa suposição, transformando-os em novos objetos que nos convidam a olhá-los pela primeira vez.

TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

Genocídio Simbólico - BOPE, 2018

Bordado sobre tecido,
6 unidades, 40 x 40cm

Genocídio Simbólico - PM-AC, 2018

Bordado sobre tecido,
4 unidades, 40 x 40cm

Trabuco, 2017

Escultura, vidro, bronze, pólvora,
cápsulas de arma de fogo,
dimensões variáveis.

Bucha de prato, 2015

Fotografia, impressão a jato
sobre papel algodão,
90 x 68cm



DARKS MIRANDA

(RIO DE JANEIRO, RJ, 2012)

Darks Miranda é uma entidade pastelão das trevas, de gênero plural (misto). Descendente indireta de C. M. e de H.S.D., fez sua primeira aparição oficial em 2012, quando equilibrava frutas sobre a cabeça de forma concentrada, assombrada por suas antepassadas – fêmeas espúrias e similares, todas de origens duvidosas e variadas. De tempos em tempos, brota dos escombros mudos da modernidade, sem ginga, e desliza pelas camadas de lodo acumuladas no concreto através dos tempos. Participou de exposições e mostras em espaços como Galeria Ibeu, Galeria Cavallo, Casa França-Brasil, Archive Kabinett (Berlim), Filmhuis Cavia (Amsterdã) e Tate Modern (Londres).

TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

Equilíbrio de fruta sobre a cabeça, sob o olhar do fantasma de Carmem Miranda, 2018

Performance coletiva,
20 min.-160min.

Equilíbrio de mamão sobre a cabeça, 2018

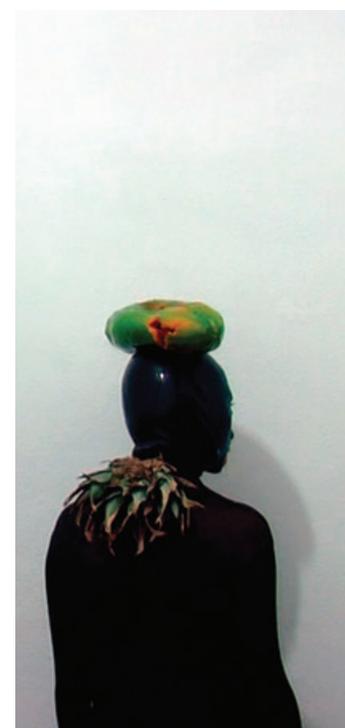
Vídeo, 34 min.

Mulher fruta, 2018

Escultura, resina,
38 x 9 x 9cm

Equilíbrio de mamão sobre a cabeça, 2018

Vídeo, 34 min.



DORA SELVA

(SÃO PAULO, SP, 1990)

Dançarina, Bailarina e performer.

Graduada pela Comunicação das Artes do Corpo - PUC São Paulo, realizou sua primeira criação, o solo “stress” em 2010, que circulou por festivais universitários em São Paulo e Campinas. Integrou a Lia Rodrigues Companhia de Danças, sediada no Centro de Artes da Maré, no Rio de Janeiro, de 2013 à 2017, participando da criação das obras “Pindorama” e “Para que o céu não caia”, reconhecidas nacional e internacionalmente. Apoiada pelo programa de residências do Centro Coreográfico, concluiu sua segunda criação solo, “De quando as águas cresceram por sobre o ventre da terra” (2018), que atualmente circula em teatros e espaço alternativos Brasil afora. No Rio de Janeiro, integrou o programa de formação de deformação da EAV Parque Lage - 2018, além de trabalhar com o Coletivo Líquida Ação, e com o cineasta Vincent Moon. É idealizadora do projeto “viva pelve”, aulas regulares focadas no movimento e poder pélvico. O projeto já participou do WOW (festival mulheres do mundo - edição 2018), do Sarau Tropicacos (idealizado pelo coletivo Norte Comum), e já foi realizado em São Paulo, em parceria com a Casa Preta, além de acontecer semanalmente, no Rio de Janeiro.

TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

Mátria, 2018

Vídeo, 5 min.

Olho D'água, 2018

Performance, 40 min.

Water twerk, 2018

Gif

Olho D'água, 2018

Performance



ELILSON

(RECIFE, PE, 1991)

Performer e professor. Mestre em Performance pelo PPGAC/UFRJ e graduado em Letras pela UFPE, iniciou sua prática artística no teatro. Investiga inter-relações entre performance e mobilidade urbana, experimentando uma cartografia pelos papéis de pedestre, espectador e performer. Trânsitos entre oralidade e escrita e entre caminhada e história também permeiam seu trabalho. Tem performado em ruas, transportes coletivos, galerias e centros culturais, integrando exposições e festivais em cidades como Assunção, Curitiba, Rio de Janeiro e São Paulo. Em 2017, publicou “Por uma mobilidade performativa” (Editora Temporária), livro que reúne discussões teóricas e registros em texto e foto de performances realizadas em espaços públicos do Rio de Janeiro. Em 2018, sua pesquisa foi selecionada pelo Rumos Itaú Cultural e pelo Prêmio EDP nas Artes – Instituto Tomie Ohtake.

TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

Bando recíproco, 2018

Objeto, espelho, carrinho de madeira, dimensões variáveis

Chuva de Direitos, 2018

Fa(r)dado, 2018

Fotografias, papel e envelopes, dimensões variáveis

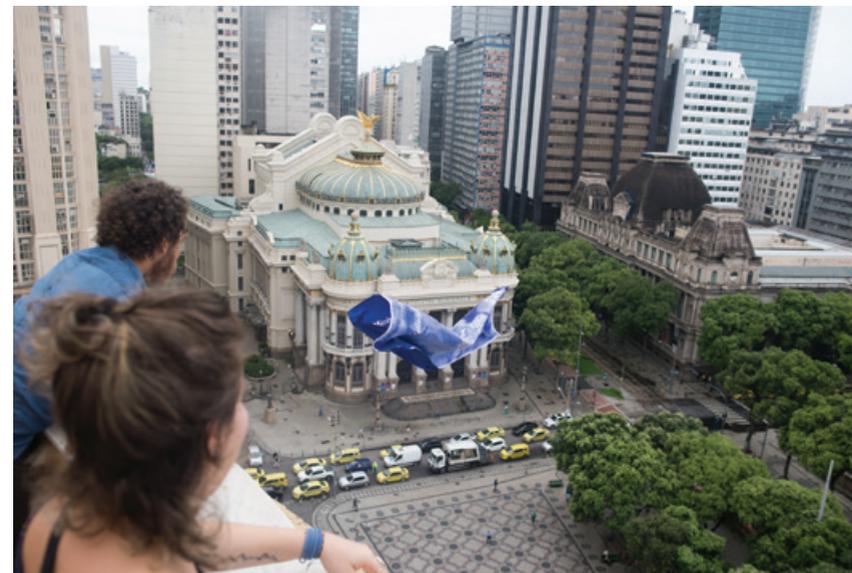
Gota, 2016-2018

Objeto, balde, dimensões variáveis

Chuva de Direitos, 2018

Fotografias, papel, serigrafia

Foto: Anette Carla Alencar



GABRIEL ABREU

(RIO DE JANEIRO, RJ, 1993)

Escritor e artista visual. Formado em Literatura e Arte pela PUC Rio e pelo Programa de Formação e Deformação da EAV Parque Lage. Desde 2017, compõe junto de outros artistas-pesquisadores o Núcleo de Pesquisa Continuada do Brecha, que tem como principal enfoque a investigação de micronarrativas cênicas e audiovisuais. Um dos idealizadores do coletivo CORJA. Pesquisa as relações de intimidade a partir da perspectiva da memória, e mais recentemente os limites entre público/privado e ficção/realidade através do cruzamento de texto e imagem.

TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

Prefiro rir, 2018

Instalação, páginas de A4, TV e fone de ouvido, dimensões variáveis

柔よく剛を制す

(Suavidade subjulga Dureza), 2018

Vídeo instalação

柔よく剛を制す

(Suavidade subjulga Dureza), 2018

Vídeo instalação



GUSTAVO GUSTAVO

(RIO DE JANEIRO, RJ, 1988)

Artista. Se aproxima da pixação, grafiti e outros personagens das ruas em caminhadas e passeios de ônibus sem destino. Graduado em Design Gráfico (PUC-Rio, 2012), trabalhou com ilustração, moda, cenografia e cinema. Bolsista no curso Práticas Artísticas Contemporâneas (EAV Parque Lage, 2015), desenvolve exercícios diários de desenho, escrita, pintura e colagem. Colecionador de inutilidades e pequenas lembranças. Devoto da arte-educação, promove oficinas gráficas com crianças e participa de programas educativos em exposições como a Queermuseu (EAV Parque Lage, 2018). Hoje estuda Artes-Licenciatura na UERJ e trabalha em sua casa-estúdio.

TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

Estrovenga, 2018

Acrílica sobre fita adesiva,
5,18 x 4,5m

Caminhada 1 – série SER (Sistemas Estéticos de Resistência),

2013 / 2018

Escultura, metais variados,
dimensões variáveis

Estrovenga [detalhe], 2018

Acrílica sobre fita adesiva,
5,18 x 4,5m



HERBERT DE PAZ

(SANTA TECLA, EL SALVADOR, 1991)

Artista visual e arte educador. Iniciou seus estudos no Palacio Teclño de Bellas Artes em El Salvador fazendo cursos de desenho e ferramentas gráficas; possui grau técnico em Arquitetura pelo Instituto Emiliani (2009). Em 2010 entrou na universidade para cursar Desenho Industrial e de Produtos e abandonou depois de dois anos para trabalhar no telemarketing e estudar teatro. Radicado no Rio de Janeiro desde 2013, foi estudante da EAV no programa Fundamentação no mesmo ano e realizou diversos cursos como bolsista por três semestres ao mesmo tempo em que trabalhava como recepcionista de hotel e mediador de exposições. Foi colaborador do Ateliê de Performance (UERJ) editando conteúdo audiovisual em 2014 e 2015. É Bacharel em Artes Visuais pela UERJ (2013-2017), seus trabalhos refletem sobre questões da história e identidade, da memória e do imaginário. Atualmente trabalha com arte educador no MAM - RJ.

TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

Benefício Dinheiro da Família, 2018

Instalação, peças gráficas para outdoor e cartazes

O Real da Memória, 2017

Serigrafia em papel, dimensões variáveis

Souvenir nº 1, 2018

Escultura, madeira, cerâmica e aço, dimensões variáveis

Souvenir nº 2, 2018

Escultura, madeira, cerâmica e aço, dimensões variáveis

Souvenir nº 3, 2018

Escultura, madeira, cerâmica e aço, dimensões variáveis

Terror em Guanabara, 2018

Serigrafia em papel, 29,7 x 42cm

Terror em Guanabara #1, 2018

Serigrafia em papel
29,7 x 42 cm



IAN R.

(RIO DE JANEIRO, RJ, 1992)

Artista, graduado em design pela PUC-Rio é artista visual, tendo a pintura como principal prática.

Mistura de ironia e mau humor. Na sua atuação em arte urbana; no frescor dos muros da cidade; ora se pinta de sangue, ora se desenha o amor. Como tirar dos muros da cidade barulhenta, caótica e tão sedutora, tais contornos a ponto de poder ouvi-los como numa caverna pré-histórica?

Ian R. se propõe a trabalhar o desconforto do indivíduo frente à vida.

TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

Sem título, 2017

Acrílica, tinta vermelha, PVA, bastão de óleo e cimento sobre tela

Sem título, 2018

Acrílica, tinta vermelha, PVA, bastão de óleo e cimento sobre tela

Sem título, 2017

Acrílica, tinta vermelha, PVA, bastão de óleo e cimento sobre tela

Sem título, 2017

Acrílica, tinta vermelha, PVA, bastão de óleo e cimento sobre tela



ISABELA SÁ RORIZ

(RIO DE JANEIRO, RJ)

Artista Visual. Mestre em Linguagens Visuais e Bacharel em Escultura pela UFRJ. Atuou por quatro anos como Professora substituta no curso de Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFRJ. Foi premiada em primeiro lugar na XX Bienal de Santa Cruz de La Sierra em 2016. Participou do Programa IFS - Incubadora Furnas Sociocultural - um programa inédito no Brasil. A Incubadora, ao invés de abrigar empresas, selecionou e investiu em artistas plástico. Em 2018 foi selecionada para o Programa de Formação e Deformação da Escola de Artes Visuais do Parque Lage.

A artista fez duas exposições individuais: Flácida| Ali na Alice - Rio de Janeiro/2017 e Tão | Espaço Cultural Sérgio Porto - Rio de Janeiro/2011 e expôs em mostras coletivas nacionais e internacionais, dentre as principais estão: XX Bienal de Santa Cruz de La Sierra | Museo de Arte Contemporáneo - Bolívia/2016, Forum Portas Abertas | Fundação Eugenio de Almeida - Portugal/2013, Manjar | Solar dos Abacaxis - Rio de Janeiro/2017, Encontros Contemporâneos com a Arte | Museu de Arte Moderna - RJ.

TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

Sem título, 2018

Instalação, texturas e colorações de látex, dimensões variáveis

Entorno, 2009

Fotografias, dimensões variáveis

Sem título [detalhe], 2018

Instalação, texturas e colorações de látex, dimensões variáveis



LAIS AMARAL

(SÃO GONÇALO, RJ, 1993)

Artista visual. Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense, UFF, pesquisou práticas originárias e possíveis reações ao Colapso ambiental contemporâneo. Atualmente a artista observa e estuda a construção da subjetividade moderna pautada na fragmentação do ser graças ao padrão colonial-patriarcal-capitalista de organização, processo que acende a necessidade de encarar a arte como uma tentativa de superação e reconfiguração de possíveis identidades reprimidas. Realiza sua primeira individual “Vazante” na Fundação de Artes de Niterói (2018-2019), participou de exposições coletivas como Vesícula no Espaço BREU, SP, Bela Verão no Galpão Bela Maré, Mostra Superfícies com a Exposição Encruzilhadas, Pouso de emergência, Caixa Preta, dentre outras.

TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

Retalho é o mundo, 2018

Acrílico sobre tela, tecido, plástico,
390 x 290cm

Afinador, 2018

Fotografia, 29,7 x 40cm

Afinador, 2018

Fotografia,
29,7 x 40cm



LAURA F

(1992)

Mestranda em Filosofia pela UFRJ, possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto. Tem apetite por filosofia brasileira, com especial voracidade pelos textos de Oswald de Andrade e Davi Kopenawa. Atualmente, desenvolve trabalhos acadêmicos ligados à tecnologia, relacionando autores como Gilbert Simondon e Vilém Flusser. Como produtora, atua em projetos envolvendo música, teatro, poesia, filosofia e já trabalhou com artistas e pensadores como Beatriz Azevedo, José Celso Martinez Corrêa, Marcia Tiburi, Peter Pál Pelbart e outros. Em 2018 participou do Programa de Formação e Deformação da EAV Parque Lage no Rio de Janeiro, quando expõe pela primeira vez uma pesquisa artística.

TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

Sem título, 2018

Fotografia em papel,
dimensões variáveis

Sem título

Grafite, carvão e nanquim
sobre papel,
45 x 60 cm



MARIANA HERMETO

(RIO DE JANEIRO, RJ, 1974)

Designer e artista.

Formada pela PUC Rio e pelo Programa de Formação e Deformação da EAV Parque Lage, desenvolve pesquisa sobre vínculos, intimidade e memória. Em seus trabalhos utiliza objetos e materiais, como cerâmica, massa de modelar, borracha, café, entre outros. Materiais e objetos cotidianos, numa pesquisa sobre vínculos, intimidade e memória.

TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

Goi Goi, 2016 / 2018

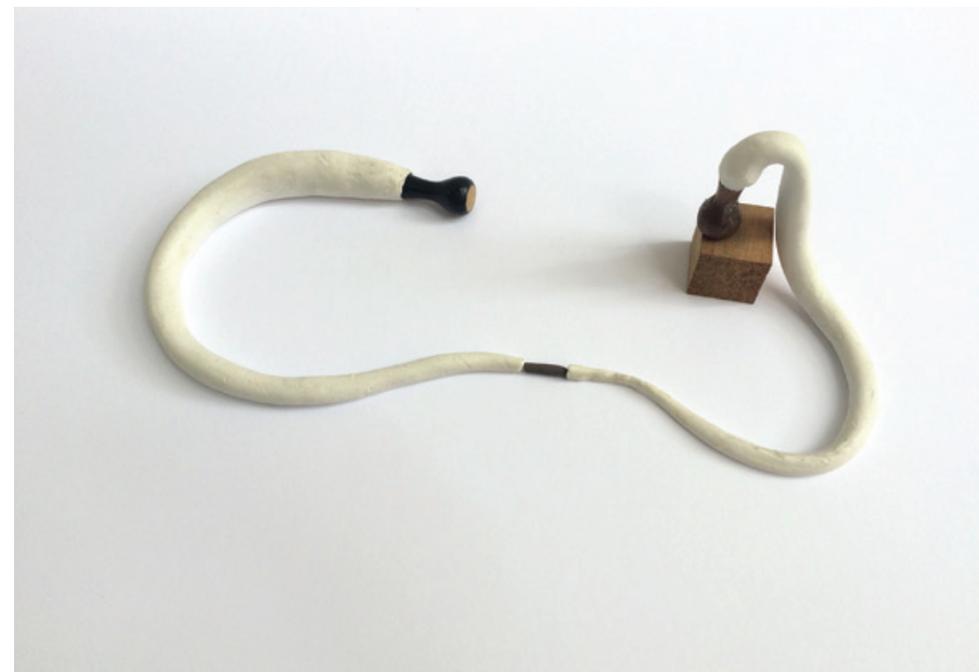
Mesa de objetos,
80cm x 85cm x 360cm

Goi Goi, 2018

Escultura, discos de cerâmica,
madeira, corda

Goi Goi [detalhe], 2016 / 2018

Mesa de objetos
80cm x 85cm x 360cm



PEDRO PAULO HONORATO

(RIO DE JANEIRO, RJ)

Bacharelado em Artes Visuais na UERJ. Inicia sua prática artística em 2014 com a pintura, mas nos últimos anos dedicou-se ao desenho como principal ferramenta para a criação de imagens. Sua pesquisa é ampla e seus pontos de interesse variam e convergem numa produção de obras que ora flertam com uma narrativa autobiográfica, ora extrapolam o cunho pessoal, perpassando questões contemporâneas. Já participou de exposições coletivas sendo a mais recente, Indícios, pela Escola Sem Sítio, no Paço Imperial.

TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

Espelho 1, 2017 - 2018

Políptico exposto na forma de díptico, grafite sobre papel canson A2, folha milimetrada e pregos, duas partes de 118,8 x 42cm

Espelho 2, 2017 - 2018

Políptico, grafite sobre papel canson A2, folha milimetrada, óleo vegetal e pregos, 126 x 178,2cm

Espelho 2 [detalhe], 2017 - 2018

Políptico, grafite sobre papel canson A2, folha milimetrada, óleo vegetal e pregos, 126 x 178,2cm



RAFAEL BQUEER

(BELÉM, PA, 1992)

Graduado em Licenciatura e Bacharelado no curso de Artes Visuais pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Trabalha com performance, vídeo e fotografia, entre outras poéticas a partir das investigações sobre: corpo, decolonialidade, gênero e sexualidade. Participou de diversas residências e exposições, entre elas: Projeto Arte e Ativismo na América Latina- Despina- RJ (2017) ; Red Bull Station - SP(2017); Exposição “How to Read El Pato Pascual: Disney’s Latin America and Latin America’s Disney”- MAK Center, Los Angeles (2017). Artista selecionado para prêmio EDP nas Artes - Instituto Tomie Ohtake - SP (2018). Atua também em pesquisas como Drag Queen com sua persona Uhura Bqueer e como curador independente do Espaço Caixa Preta-RJ .

TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

Lenoir, 2017

Vídeo performance

Foto: Anderson Félix e Yuri Landarin

Sem título, 2018

Objeto performance,
dimensões variáveis

Lenoir, 2017

Vídeo performance



RAFAEL F. PRINCE

(BELO HORIZONTE, MG)

Artista Visual. Formação em Fotografia e especialização em Artes Plásticas e Contemporaneidade pela Escola Guignard/UEMG em Belo Horizonte. Inicia os estudos em Artes na Faculdade de Dança Angel Vianna e Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Dentre outros, participou do programa Imersões Poéticas do Escola sem Sitio na Casa França-Brasil. Sua pesquisa parte de experimentações com os gestos, deslocamentos e ações solitárias, que busca na poética errante e nos exílios, os rastros e os desvios deixados por uma travessia, seja do corpo, do papel, da imagem, do desenho ou da escrita, como fragmentos de uma paisagem e de um território possível.

TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

Cartografias Invisíveis, 2015 - 2018

Desenho e gravura, papel pólen, dimensões variáveis

Como se faz um deserto, 2016

Apropriação e intervenção em páginas de livro, papel, dimensões variáveis

Papel de bolso, 2014

Experimentações gráficas a partir de um pedaço de papel dobrado, papel, dimensões variáveis

Sem título, 2015

Série de experimentações gráficas sobre papel, papel pólen, dimensões variáveis

Treino de toalete, 2018

Múltiplas mídias, dimensões variáveis

Treino de toalete, 2018

Múltiplas mídias, dimensões variáveis



RAFAEL SALIM

(RIO DE JANEIRO, RJ, 1987)

Artista. No último ano, esteve na residência artística da FAAP, em São Paulo. Atualmente, participa na EAV Parque Lage do Programa de Formação e Deformação “Qualquer Direção fora do Centro”. Participa de exposições, dentre elas: “Aqui, Bem ao Sul”, Bienal sur no MAB - Centro (2017); “Imersões Poéticas”, na Casa França-Brasil (2017); “41º Salão de Arte de Ribeirão Preto” (2016); “45º Novíssimos IBEU” (2016). “25º Salão de Artes de Praia Grande” (2016), onde foi contemplado com o prêmio aquisitivo.

TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

Concreto com verde, 2018

Vídeo, 6min.

Itapuca, 2017

21 cerâmicas,
18 x 15 x 23cm cada

Concreto com verde, 2018

Vídeo, 6min.



TATIANA PODLUBNY

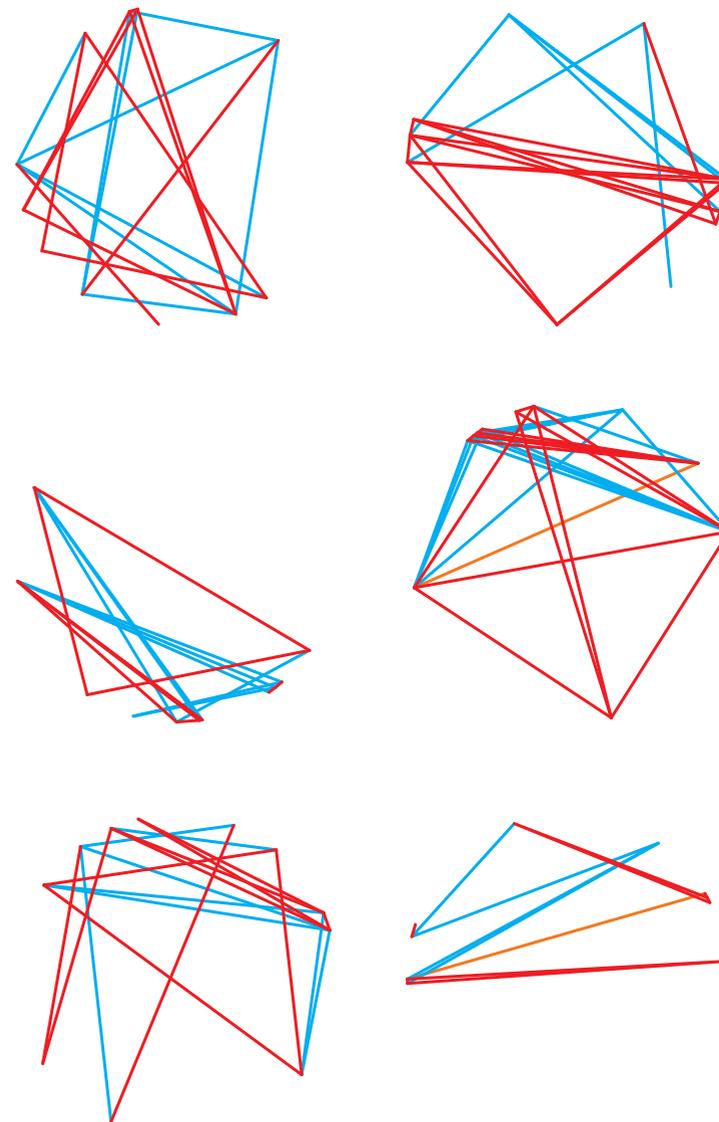
(RIO DE JANEIRO, RJ, 1976)

Designer, artista visual, editora e astróloga. Formada em Desenho Industrial pela Escola de Belas Artes (UFRJ), vem trabalhando em projetos editoriais ligados ao campo da arte e da cultura em parceria com diversos artistas e autores. Em 2007 criou a editora Fada inflada, cujas primeiras experimentações propunham o jogo entre texto, imagem e o suporte livro em publicações brincantes para todas as idades. É autora de diversas publicações, como Anotações noturnas, Desenho Cego, Perímetro, Coisa, Como construir um modelo vivo, Cavalos imóveis, Das unheimlich, Dilemas 1 e 2, Mu, entre outros. Tem trabalhos publicados online pelas editoras Zazie edições, Editora Garupa, revista Ensaia e revista Carbono. Seus livros estão na Coleção Livro de Artista da UFMG, no acervo de publicações independentes da Biblioteca Mário de Andrade (SP) e no acervo itinerante de arte impressa Projecto Múltiplo. Organiza com outros artistas a feira-ocupação-exposição-camelô Pororoca, na feira da Praça XV e em outros espaços públicos do Rio de Janeiro.

TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

Corpos celestes, 2018
24 impressões em papel,
24 livretos, prateleira,
dimensões variáveis

Corpos celestes, 2018
24 impressões em papel,
24 livretos, prateleira,
dimensões variáveis



YGOR LANDARIN

(URUGUAIANA, RS, 1995)

Trata sobre memórias concebendo analogias que surgem a partir de influências, seja pelos lugares que fazem parte de suas raízes, onde vive atualmente ou encontros que se manifestam em seu processo.

Pesquisa atualmente como a alimentação atua na formação dos arquétipos culturais que fazem parte do imaginário de inúmeras regiões, buscando formular híbridos que distorcem e reconstruem a imagem de bichos d'água que incitam fagia.

Desde 2017 trabalha como assistente da artista Brígida Baltar.

Participou das exposições Pouso de Emergência (Caixa Preta), Entre Conversas (Sérgio Porto) e Flutuantes (Paço Imperial).

TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

Charque seco - Influências, 2018

Escultura, colagem de camarões, caranguejos, sal e resina, dimensões variáveis

Sutil violento - Influências, 2018

Grafite e guache sobre papel mofado, dimensões variáveis

Trauma - Influências, 2018

Fotografias de sangue de camarões

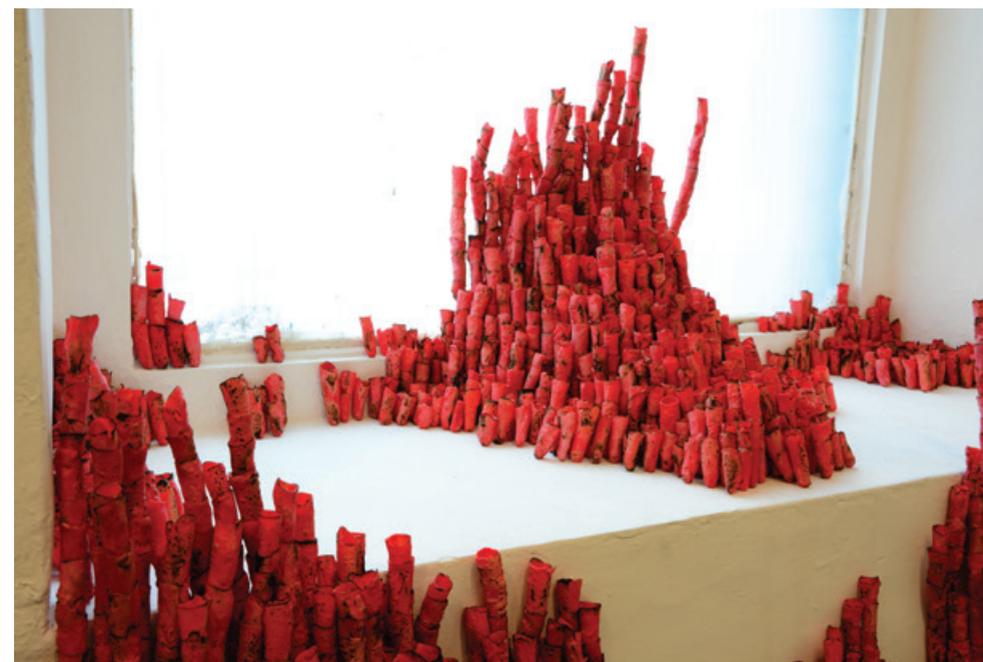
Traumas - Influências, 2018

Fotografias de sangue de camarões, dimensões variáveis

Colônias, 2017

Série Sociáveis

Instalação, porcelana fria queimada, dimensões variáveis



YHURI CRUZ

(RIO DE JANEIRO, RJ, 1991)

Graduado em Ciência Política e pós graduado em Jornalismo cultural. Pesquisa as ligações entre teatro e política na graduação e as relações entre melancolia e identidade na pós-graduação. Interessa investigar o poder e suas estruturas [sua manutenção, sua queda e sua reconstrução]. Trabalho escultórico tem buscado dar conta do que chama de memórias subterrâneas, dos fantasmas e suas vozes e da necropolítica como plano neocolonial. Negro, as minhas demandas estão, às vezes, avessas às demandas da branquitude.

TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

Cripta no. 2 – Eu vou como um, eu venho como 10.000, 2018
Escultura, gravação e pintura em granito, 70 x 15cm

Monumento – documento à presença, 2018
Pesquisa e contrato ético

Monumento à presença, 2018
Afresco. pintura sobre parede, 9 x 3m

Nenhuma direção a não ser o centro, 2018
Manifesto-cena (zine)
Impressão sobre papel

O contra-ataque e Ponta de lança, 2018
Gif

Série ESCULTURAS ESPIRITUAIS
Evocação, 2018
Diáspora, 2018
Dengo, 2018
Gravação em granito e cavalos de bronze, dimensões variáveis

PÁ PUM, 2018
Objeto para usar,
pedra de cachoeira
e corda



“O RIO DE JANEIRO CONTINUA LINDO E OPRESSOR”

MATHEUSA
PASSARELLI

Não é possível aceitar esta falsa democracia racial neste país. O Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo. O genocídio da população negra e as políticas de higienização da população pobre são realidades cotidianas nas periferias da cidade.

Acreditamos em uma formação de artista que opta por manifestamente posicionar-se contra narrativas excludentes, na tentativa de lidar com as realidades vulneráveis com cuidado crescente e autocrítica, e assim o compromisso desta escola como espaço de emergência e resistência é atualizado. Por meio da arte, questionamos juntos o estatuto de representação, os limites da imagem e a importância daquilo que é material, aquilo que dá conta do real, aquilo que atravessa o corpo.

Em nosso primeiro mês de formação, Matheusa Passarelli, artista trans não-binária, de Rio Bonito, RJ, corpo negra perférix, aluna da UERJ e da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, foi assassinada. Neste momento de nossa formação, líamos coletivamente Antonin Artaud e debatíamos em nosso primeiro mês os limites do corpo e a presença material, real, corpórea daqueles que criam.

Esta publicação não poderia deixar de ecoar um grito coletivo de revolta e indignação. Como parte de seu trabalho para a disciplina de gravura na UERJ, produziu uma zine, em 2017, intitulada *O Rio de Janeiro continua lindo e opressor*. Escolhemos aqui marcar a presença de Theusa a partir de uma palavra de ordem, um dispositivo poético. Nenhum texto ou nota de rodapé dão conta da ausência da Matheusa Passarelli. Fomos todas interrompidas.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Luiz Fernando Pezão

SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA DO RIO DE JANEIRO

Leandro Monteiro

SUPERINTENDENTE DE ARTES

Patricia Lins e Silva

ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE

DIRETOR PRESIDENTE

Fabio Szwarcwald

CURADOR

Ulisses Carrilho

COMISSÃO DE ENSINO

Fernando Cocchiarale

Guilherme Gutman

Luisa Duarte

Marcos Bonisson

SUPERVISORA DE ENSINO

Keyna Eleison

SUPERVISORA DE ENSINO DO PARQUINHO LAGE

Luana Vieira Gonçalves

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO

Celina Martins

GERENTE DE PATRIMÔNIO

Marco Silva

GERENTE DE PRODUÇÃO DE EVENTOS EXTERNOS

Erika Medeiros

GERENTE DE EVENTOS

Naldo Turl

COORDENADORA DE PRODUÇÃO

Andreia Alves

COORDENADOR OPERACIONAL

Fabio Augusto Lopes

COORDENADORA DE PROGRAMAÇÃO VISUAL

Amanda Lianza

SUPERVISOR FINANCEIRO CONTÁBIL

Hércules da Costa Souza

ASSESSORIA DE IMPRENSA

Mônica Villela Assessoria de Imprensa

COORDENADORA DO PROGRAMA AMIGO EAV

Luciana Levacov

PRODUTOR

Renan Lima

DESIGNER

Janna Brilyantova

ASSISTENTE DE ENSINO

Carmen da Costa Souza

BIBLIOTECÁRIA

Rubia Luiza da Silva

BIBLIOTECÁRIA AUXILIAR

Juliana Machado

SECRETÁRIAS DE ENSINO

Katia Rosendo

Carolina Azeredo

ANALISTA DE MÍDIAS SOCIAIS

Bárbara Accioly

ANALISTA DE PLANEJAMENTO FINANCEIRO

Leiliane Maria Braga da Silva

ANALISTA FINANCEIRO

Camila Oliveira

ANALISTA DE SUPORTE DE TI

Mateus Ferraz

SERVIÇOS GERAIS

Homero Gomes

ASSISTENTES DE SERVIÇOS GERAIS

José Carlos Silva Teixeira

Neemias de Araujo

Nilton Madeira Paulo

Ryan Barboza Almeida

AMEAV - ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DA ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE

PRESIDENTE

Marcelo Viveiros de Moura

VICE-PRESIDENTE

George Kornis

CONSELHEIROS

Alvaro Piquet

Eugenio Pacelli

Gustavo Martins

Nelson Eizirik

PROGRAMA DE FORMAÇÃO DEFORMAÇÃO QUALQUER DIREÇÃO FORA DO CENTRO

CURADORIA

Ulisses Carrilho

SUPERVISÃO DE ENSINO

Keyna Eleison

ARTISTAS-PROFESSORES

Ana Kiffer

Ana Emerich

Anna Bella Geiger

Elaine Dual

Fred Coelho

Jorge Menna Barreto

Max Jorge Hinderer Cruz

Ricardo Basbaum

Raphael Fonseca

Rodrigo Nunes

Rodrigo dos Santos

Tatiana Henrique

ARTISTAS-ALUNOS

Agrippina R. Manhattan

André Scient

Anna Costa e Silva

Antonio Társis

Darks Miranda

Dora Selva

Elilson

Gabriel Abreu

Gustavo Gustavo

Herbert De Paz

Ian R.

Isabela Sá Roriz

Lais Amaral

Laura F

Matheusa Passarelli

Mariana Hermeto

Pedro Paulo Honorato

Rafael Bqueer

Rafael F. Prince

Rafael Salim

Tatiana Podlubny

Ygor Landarin

Yhuri Cruz

EXPOSIÇÃO FORMAÇÃO E DEFORMAÇÃO

16 DEZ - 21 JAN

Segunda a Domingo

12:00 - 18:00

Entrada Gratuita

Cavalariças da

EAV Parque Lage

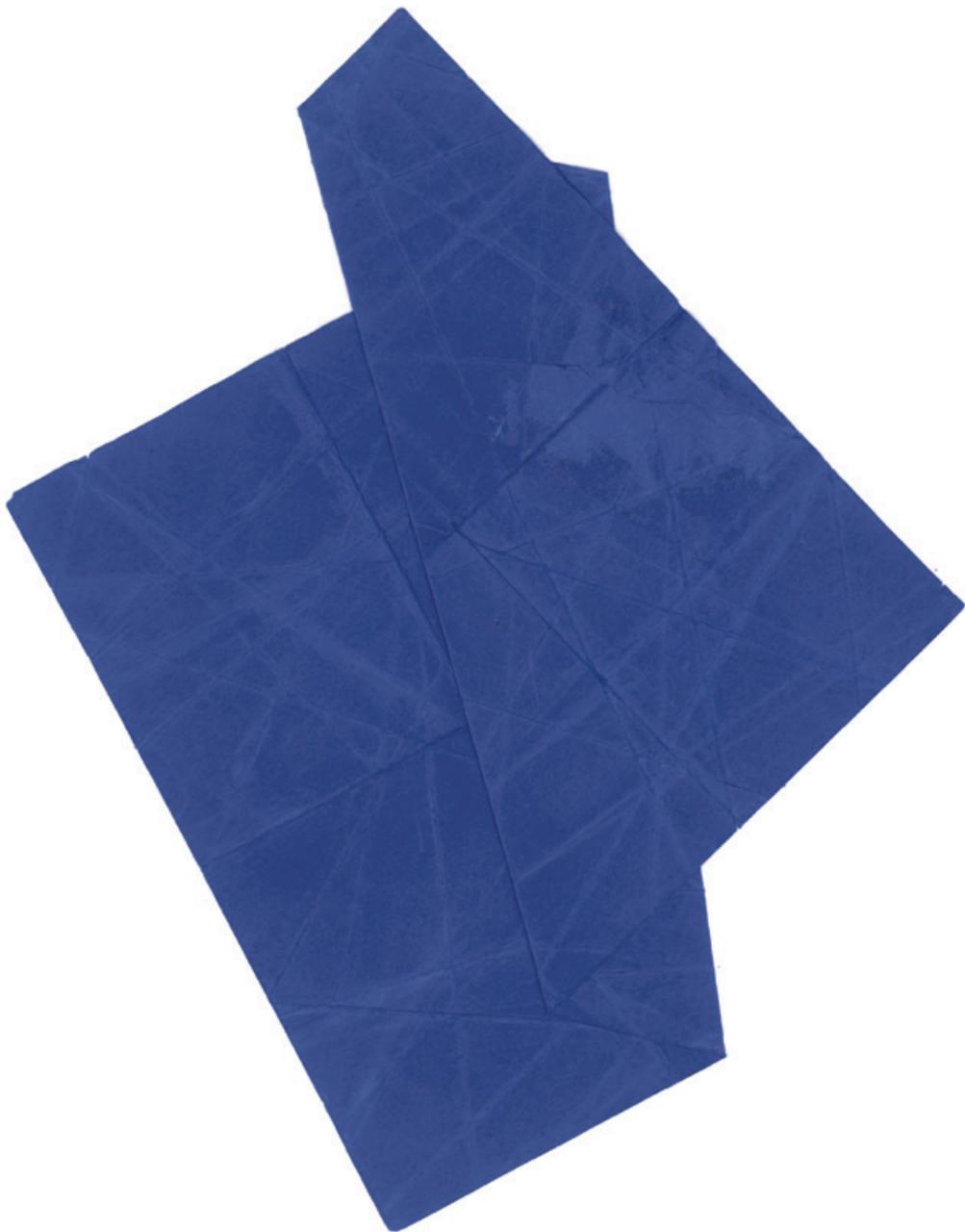
CURADORIA

Ulisses Carrilho

Keyna Eleison

DESIGN LIVRETO

Amanda Lianza



ESCOLA
DE ARTES
VISUAIS DO
PARQUE LAGE



SECRETARIA
DE CULTURA

AMEAV